DINHEIROS PÚBLICOS

RAUL PILLA

NÃO parece muito profunda a distinção estabelecida pelo jornalista. Tudo são dinheiros públicos. Talvez menos públicos os do Banco do Brasil, cujo capital pertence em boa parte a particulares, do que o de certas organizações, como o SESI e o SESC, que se alimentam exclusivamente de contribuições obrigatórias, verdadeiros tributos a que ninguém se pode furtar e que não pouco concorrem para elevar o custo da vida.

Não tem, por certo, paralelo o caso do vespertino que se fundou e se tem mantido graças ao fabuloso financiamento do Banco do Brasil, com os subsídios mais ou menos generosos, concedidos difusamente à imprensa por certas entidades paraestatais, a título de uma publicidade, na melhor das hipóteses desnecessária. Trata-se, porém, de um desvio de fundos da sua verdadeira finalidade, que não pode ser a de auxiliar a imprensa, e desvio que, em vez de lhe robustecer os órgãos, pode amolentá-los no exercício da sua indispensável ação crítica.

Repito, não há têrmo de comparação entre os dois casos, mas ambos são [illegible]nte condenáveis. A única coisa que em favor do segundo se pode alegar é, de acôrdo com a anedota célebre, a equanimidade na imoralidade, Todos comem, ou podem comer...

A melhor prova de que não se trata de coisa inocente é que algumas carreiras políticas se conhecem, baseadas ùnicamente no hábil emprêgo de dinheiros paraestatais. Todo dinheiro público, qualquer que lhe seja a origem, deve ter destino certo e aplicação rigorosamente vigiada.